

Manuel de Sá: Um jesuíta quinhentista português ao serviço da educação, da interculturalidade, da cidadania e da interdisciplinaridade

José Coelho Matias¹

Neste artigo procura-se salientar a vida e obra de Manuel de Sá, um Jesuíta português de Vila do Conde, que nasceu e viveu ao longo do século XVI, entre os anos 1528/30 e 1596. Ele foi um migrante, quer como estudante, professor e antropagogo (andragogo), quer como investigador, escritor e metodólogo. Se a sua acção directa se desenvolveu em Portugal, Espanha e Itália, a sua influência ultrapassou as fronteiras destes países através das suas obras escritas e dos alunos que o tiveram por mestre e se tornaram professores ou missionários, tanto na Europa e em África, como na América e na Ásia.

Diferentes foram as ciências que dominou e ensinou e múltiplos foram os métodos que conheceu, exercitou e transmitiu, substituindo-os por outros mais adaptados ao seu tempo e aos seus auditórios. Para além de professor, pedagogo, metodólogo e escritor, Manuel de Sá foi, não apenas um batalhador ao serviço da justiça social e cidadania dos grupos minoritários, como também um paradigma da interdisciplinaridade e um pioneiro da interculturalidade.

Introdução

Vivemos numa época em que muito se fala de métodos de ensino, transmitindo-se, inclusivamente, a impressão de que esta preocupação é exclusiva a esta época e ao nosso país. No entanto, esta preocupação tem acompanhado as sociedades de todos os países durante toda a sua existência.

Por outro lado, muitas vezes esquecemo-nos de que os conteúdos que, até agora, têm sido propostos, bem como os processos que sempre têm sido utilizados deixaram de ter, na sua maioria, a sua utilidade e a sua actualidade. É provável que métodos

¹ Doutor em Ciências da Educação

antigamente utilizados possam, em alguns casos, ser reaproveitados e revalorizados pelos sistemas educativos hodiernos. Por estas razões, proponho neste artigo Manuel de Sá² como exemplo de um homem dedicado ao ensino cujos métodos pedagógicos, apesar de se situarem em pleno século XVI, poderão fornecer alguma luz aos sistemas educativos do século XXI.

1. Vida

Foi já há 481 anos que nasceu, em Vila do Conde, Manuel de Sá que viria a tornar-se um homem de pequena estatura, mas de uma excelente habilidade e talento; um homem de inteligência rara e génio maravilhoso, distinto e claro; um homem de bondade natural e de um engenho nascido para todas as ciências; um homem de rosto alegre e de apresentação agradável e encantadora e um homem conhecido e admirado pela sua sabedoria e santidade (Franco, 1719, Tom. II, cap. XXIV, pp. 388-391, nº 7 e nº 13; Rodrigues, 1917, p. 256; Cienfuegos, 1757, Liv. 3, cp. 6, p. 150; Telles, 1645, p. 1969).

Concluídos os seus estudos preparatórios na Colegiada da Igreja Matriz³ da sua cidade natal, entre os sete e os treze anos, como era hábito nesses tempos, sua mãe enviou-o a Coimbra para ali os continuar na Universidade, onde, por volta do ano 1544/1545, alcançaria o grau de Bacharel em Artes⁴, ministrado, então, no Mosteiro de Santa Cruz.

Aqui permaneceu até 1545, ano em que, a sete de Abril, entrou para a Sociedade de Jesus recentemente aprovada pela Bula *Regimini Militantis Ecclesiae* do Papa Paulo III, de 27 de Setembro de 1540 e estabelecida em Portugal na cidade do Mondego, a 13 (ou 29, segundo outros) de Junho de 1542, dando início ao primeiro e um dos mais célebres Colégios Jesuítas, na opinião de Rops (1955, p. 73).

A 8 de Dezembro, encontrava-se já em Valência (Espanha) para fazer o seu noviciado, segundo uma carta do Padre Rodrigues com essa mesma data (*Monumenta Hist. S.J., Appendix 3*, p. 780) e para começar os seus estudos de Teologia, segundo escreve Jacob Mirón a Inácio de Loiola, em 19 de Outubro de 1546.

² Este artigo baseia-se na minha tese de doutoramento intitulada, *Manuel de Sá: Um Diásporo Quinhentista Português ao Serviço da Educação e da Interculturalidade*. Porto. Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2009 (Texto policopiado).

³ Esta Igreja foi construída no Campo e Lugar de São Sebastião e a sua existência remonta aos séculos X-XI.

⁴ Fazia parte dele a Lógica Aristotélica, as *Sumulae Logicae* e a Filosofia Elementar, correspondentes ao *Trivium* (Gramática, Lógica, Dialéctica).

A 24 de Fevereiro de 1547, segundo carta de André Oviedo ao mesmo Inácio (Ibidem), seguiu para Gandia a fim de desempenhar as funções de professor de Filosofia, em substituição de Francisco Onfroy, por *ser doto e estar contentos los que le oyen de sua modo de ler (...)* e, (...) *tiene mui buena manear para enseñar* (Epist. Mixt., 1898, Tom. I, p. 342).

Também os conteúdos, por ele ensinados, eram muito apreciados: (...) *y leyendo este curso se pude mucho aprovechar en el fundamento de las Artes (...) pues tiene edad para ser muy docto en su estudio* (Ibidem). Aqui, desempenhou, ainda, as funções de *Conselheiro*, de Júri de exames e de professor privado de Francisco de Borja, como o afirma António Franco (1719, pp. 388-389, nº 5) por meio destas palavras: *No tempo, enquanto ensinava Filosofia em Gandia, ele a ensinava também, em particular, a S. Francisco de Borja, então duque de Gandia.*

Depois de ter passado por todas as provas exigidas pelas regras universitárias: três de *Auctor* das *Conclusiones Theologicae*; duas Lições Magistrais – uma, em Lógica, outra, em Física; as *Conclusiones*, isto é, as *Posteriores* ou Exame Final, Manuel de Sá recebeu o título de *Mestre em Artes*, a 8 de Maio de 1549, com a idade de 18/19 anos.

Durante o período em que esteve em Gandia, Manuel de Sá acompanhou Francisco de Borja a Roma, no ano Santo de 1550, data escolhida por Inácio de Loiola para pedir conselho sobre a obra que tinha em mãos e que viria a chamar-se *Constituições Inacianas* e para preparar a sua eventual saída de Superior Geral. A partida de Gandia em direcção a Roma situa-se a 30 de Janeiro de 1550.

Terminados os trabalhos em Roma, regressam a Gandia a 4 de Fevereiro de 1551 ficando Manuel de Sá com a incumbência de escrever amiúde a Inácio, registando o dia-a-dia do Sr. Duque (Epist. Mixtae, II, p. 14). Na festa da Páscoa (29 de Março) desse ano, Sá escreveu-lhe de Sadba (Zaragoza), dizendo que era a nona carta que lhe escrevia: *Esta es la nona que scrivo a Vuestra paternitá* (Idem, pp. 528 e 14).

Por volta dos anos 1549-1551, Manuel de Sá exerceu funções em Alcalá de Heñares no grande Colégio que tinha sido construído em 1543, logo a seguir ao de Coimbra e aí teve a seu cargo a Residência dos Jesuítas. Temos uma carta escrita em 25 de Novembron de 1551, na qual Manuel de Sá dá conta a Inácio de Loiola do ensino dos Tons, da situação da Residência e dos seus estudantes (Epist. Mixtae, II, 635s).

Como a 22 de Fevereiro de 1551, segundo Dalmases (1983: 87), Inácio de Loiola tinha aberto em Roma, *en la vía d'Aracoeli, a los pies del Capitolio una Escuela de Gramática, Humanidades y Doctrina Cristiana, grátis*, para ali ensinar além da doutrina cristã,

somente, latim e grego; e como dois anos depois, isto é, em 1553, começaram a ser leccionados os cursos de Filosofia e de Teologia num novo edifício, já chamado Colégio Romano⁵, sito nessa mesma via (actualmente com número de polícia 45, e com a denominação de *Collegio Internazionale di Gesù*), sentiu-se a necessidade de seleccionar um bom grupo de professores nessas áreas.

Foi assim que, a partir de 26 de Outubro de 1553, Manuel se encontrava já neste Colégio, tendo chegado na companhia dos Drs. Luarte e Diego e do superior do Colégio de Barcelona, P. Nadal (*Epist. Natalis*, 1898, Tom. I, p. 148).

Chegado a Roma, foi ordenado sacerdote em 1555 e fez o seu doutoramento em Teologia, nos finais de Outubro de 1556, conforme consta do historiador Villoslada (1954, vol. 66, pp. 319ss). No ano seguinte foi nomeado *Prefectus Studiorum* desse mesmo Colégio Romano, cargo que parece ter ocupado até 1562 (*Monumenta Paedagogica Societatis Jesu*, 1901, Tom. III, pp. 446-776; *Polanci Complementa*, 1916-1917, *Epistolae et Commentaria*, Tom. I, pp. 144, 207).

Neste mesmo Colégio, que logo passou a Universidade, desempenhou as funções também de Professor de Teologia Escolástica (São Tomás de Aquino), de Sagrada Escritura (*Lainii Monumenta*, 1916, Tom VII, *Epist.* 1752, p. 621) e, segundo Pastor (1977, p. 180), de Teologia Moral, ao lado dos eminentes catedráticos Ledesma, Avelaneda e outros. Os seus dotes, tanto no conhecimento das ciências sagradas, como no das línguas bíblicas, fizeram dele um professor que podia ser mandado para Milão, para Espanha, para a Alemanha ou permanecer em Roma.

Ligada à sua fama em Teologia esteve a eleição que dele foi feita para presidir às discussões solenes em matéria dessa disciplina, realizadas em honra do Padre Diogo Lainez, quando este foi eleito Geral dos Jesuítas, após a morte do Padre Inácio de Loiola, em 1558.

Tais discussões realizaram-se durante oito dias e tiveram por título *Assertiones Theologiae disputandae in Templo Societatis Jesu tempore electionis Praeaepositi Generalis, respondentis uno eiusdem Societatis (...), Romae 1558*. Consistiam em discussões à maneira da Suma Teológica de São Tomás de Aquino: começava-se pela proposição de uma questão que deveria ser seguida de uma resposta, onde as múltiplas distin-

⁵ Foi-lhe, então, concedido pelo Papa Paulo IV o privilégio de conferir nessas duas disciplinas maiores todos os graus académicos aos seus alunos que o merecessem. Devido à aquisição destes graus académicos, esse ano foi sempre considerado como o ano da fundação da Universidade que, mais tarde, viria a chamar-se *Universidade Gregoriana*, como consta do testemunho de inúmeras fontes, entre as quais Arieiro. Será, pois, anacrónica a data de 18.2.1551 que Arieiro (1969, Vol. 9, Col. 1029) propõe para a elevação a universidade.

ções indicavam o grau de argúcia dos intervenientes. Era, devido a estas disputas, que as Igrejas dos Jesuítas possuíam dois púlpitos, um de cada lado da nave central, entre esta e o transepto (se este existisse) ou no coro, na ausência daquele. Por esta mesma razão existiam também no refeitório de alguns dos seus Colégios e Seminários.

Para além do contributo dado às Constituições Inacianas, quando ainda era apenas *Irmão* e ainda não sacerdote -*nondum Sacerdos* (*Chronicon*, 1894-1898, Tom. II, p. 10 e *Monumenta Ignatiana 2. Fontes Narrativi*, 1951, Tom II, pp. 209 e 224) –, Sá deu a sua opinião sobre a *Ordo Studiorum* que deveria ser seguida e aplicada em todos os Colégios dos Jesuítas e participou em trabalhos de correcção e revisão de obras ilustres em várias ocasiões, principalmente em duas empresas de grande envergadura: uma a nível geral e outra a nível particular.

Foi corrector de obras teológicas, como do *Catecismo* pós-Tridentino do Padre Canísio, e das *Ordenações Hierárquicas* do Dr. Torres. Pertenceu às Comissões da correcção e revisão dos textos Bíblicos da edição da *Vulgata* que viria a ser chamada *Biblia Sacra Vulgatae Editionis ad Concilii Tridentini Praescriptum emendata et a Sixto V, P.M., recognita et approbata* e da Versão grega, dita, *Versão dos 70* ou *Septuaginta*.

Distinguiu-se, igualmente, em Milão, por volta dos anos 1575-1576, como moralista, conselheiro, pregador e professor de Escritura, embora ali tivesse surgido um problema que o levou a ter de retirar-se dessa Arquidiocese (*Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*, 1901, *Tomus IV*, p. 588; Franco, 1719, Tom. II, cap. XXIV, pp. 388-391, nº 8), sendo enviado a várias cidades, durante cerca de dez anos, após os quais voltou, de novo a Roma (Franco, *Ibidem*) para pregar e dar lições de Escritura na Igreja de Gesù, lições estas que eram uma inovação, pelo facto de se dirigirem a toda a classe de pessoas, o que antes era apenas só para estudantes ou religiosos.

Foi proposto também para reitor da Casa de Provação romana, como consta duma carta que o Padre Nadal escreveu a 9 de Outubro de 1567 na qual diz : *En el Monte Cavallo se haze casa de probación, y se va acabando la Iglesia de ella à vocación de Santo Andres, com edificio para treinta personas.....Y el Doctor Manuel se ba emponiendo para rector, que lo hara bien, y se distraera un poco di sus studios que le há menester para la salud* (P. Nadal 3, *Epist.* 497, p. 531). As suas pregações e lições eram sempre agradáveis e o público variadíssimo, constando dele, inclusive, a Corte Pontifícia.

Exerceu igualmente as funções de Pregador do Papa e da sua Corte e o de Penitenciário-Mor da Basílica de S. Pedro (*Epist. Patris Salmeronis*, 1907, Tom. II, *Epist.* 242ª, p. 6; *Lainii Monum.* 1915, Tom. VI, *Epist.* 1738, pp. 584,621), por nomeação do Papa, Pio V e sugestão de São Carlos Borromeo. Este último cargo foi exercido pelos Jesuítas

desde o dia 1 de Maio de 1570 até 1773, data em que Clemente XIV suprimiu a sociedade de Jesus, sendo substituídos, até aos dias de hoje, pelos Padres Franciscanos Conventuais.

Nos últimos anos da sua vida dedicou-se, sobretudo, ao desempenho do ofício de *Visitador* oficial, tendo percorrido muitas das casas de Toscana, Arona, Génova, Loreto e outras mais (*Monum. Paedagogica*, 1915, Tom. IV, *Epist.* 356, pp. 540, 579) e a preparar as suas obras, a mando dos superiores.

E, quando as forças lhe começaram a faltar, retirou-se para a Casa de Provação que ele mesmo fundara, em Arona, onde passou a atender pacientemente todos os que a ele recorriam, vindo a falecer, a 30 de Dezembro de 1596 (Franco, 1719, pp. 388-391, nº 11), dezasseis anos após a entrada em Portugal dos exércitos espanhóis comandados pelo Duque de Alba que coincidiu com a morte de Luís de Camões e com a doação da Nagasáqui à Companhia de Jesus (Serrão, 1986, p.115).

2. Obras

Além de muitas cartas, das quais poucas restaram, e do contributo dado às Constituições Inacianas, à *Ratio Studiorum*, à Bíblia, sob as novas versões da Vulgata e da Septuaginta, Manuel de Sá escreveu três obras de grande valor que perduram até hoje.

A primeira obra que tem por título *Aphorismi Confessariorum ex Doctorum sententiis Collecti* e que foi composta durante 40 anos tem, segundo Hoefer (1863, Col. 950), a finalidade de servir para os *Casus Conscienciae* e para que os confessores tivessem um auxiliar nos casos mais difíceis do confessional, como o diz o próprio autor no *Auctor Lectori* (Sá, 1609).

Esta obra é uma síntese em forma de aforismos ou pequenas máximas da moral e direito canónico do tempo (século XVI) e chegou a ser reeditada centenas de vezes em vários países da Europa e Japão inclusive. Teve duas traduções em francês (Paris e Lyon); foi censurada e truncada pela Igreja Católica; foi queimada pelos poderes civis de Ruão, em 1762 por decreto do Parlamento e posta no *Índice dos Livros Proibidos* em Portugal por Marquês de Pombal, através do Edital de 12 de Dezembro de 1771, quase dois séculos depois de terem sido editados pela primeira vez em Veneza, em 1595.

A segunda obra, *Scolia in Quatuor Evangelia ex selectis Doctorum sacrorum sententiis collecta*, é dedicada à exegese dos lugares mais difíceis dos quatro Evangelhos, distinguindo o sentido literal do místico, utilizando o sistema numérico sobreposto às

palavras, uma vez que o texto bíblico não possuía ainda uma divisão em versículos. Usou o texto da Complutense e utilizou uma metodologia própria, chegando a utilizar um sistema ardiloso de sinais para não se mexer na impressão primitiva.

A terceira chama-se *Notationes in Totam Scripturam Sacram, Quibus omnia fere loca difficilia, brevissime explicantur ex Hebraeo, Chaldaico et Graeco lectiones indicantur*. Trata-se de um comentário seguido, a todos os Livros da Sagrada Escritura, onde demonstra um sentido crítico muito apurado, pelo que considero o seu autor como sendo um pioneiro do método histórico-crítico na exegese bíblica católica.

Além destas três obras, outras escreveu, mas que não chegaram até nós, sendo elas:

1. *Vita B. Fr. Ioanis de Texeda, Ordinis Seraphici S. Francisci, qui fuit a sacris confessionibus S. Francisco Borgiae tunc Gandiae Duci, postea Societatis Iesu Praeposito Generali* (Vida do Beato Frei João de Texeda da Ordem do Seráfico S. Francisco que foi confessor de S. Francisco de Borgia, então Duque de Gandia e depois Prepósito Geral de Sociedade);
2. *Opus in ordine alphabetico* (Uma obra em ordem Alfabética);
3. *Tractatus de Usuris* (Tratado sobre Usuras).

3. Metodologia

Nas suas lições seguia um método que prendia os ouvintes e nos sermões usava uma eloquência e uma retórica muito pessoais que se tornavam tanto mais apreciadas e frutíferas, quanto mais se afastavam dos preceitos da retórica clássica. O melhor elogio dos seus dotes de orador sagrado encontra-se em Franco (1719, p. 390, nº. 7) que, assim se exprime:

Fez também em Roma por muitos anos o officio de prégador com grandes concursos de toda a Roma e singular opiniam de suas virtudes. As prègaçoens eram mais tiradas da oraçam, que dos livros. Tudo nellas era sucozo, muito pezo de sentenças, no falar succinto, e sen ornato affectado enlevava os ouvintes. Viase que tudo nelle era mui natural, e tinha sua eloquencia huma certa força pera mover os animos, que a sentiam os ouvintes, e a nam explicam palavras. O meneyo da açam nam se regulava por preceitos da arte, e isto era nelle mais fermoso e plausível. Contra todos os preceitos e regras da eloquência era eloquentíssimo. Assim temperava tudo, que ferindo com a espada da palavra de Deos aos ouvintes, juntamente os recreava.

A este mesmo propósito escreve Barbosa Machado (1752, Tom. III, p. 361): *Entre os grandes e entre as eminências da Cúria Romana, exercitou muitos anos o officio de Pregador em cujo ministério se empenhava a converter os corações e não a adular os ouvidos.*

Utilizou um método próprio e atraente nas suas lições como o afirmam os seus superiores nas diversas cartas que falam dele; nos seus livros utilizou o género didáctico e um estilo inconfundível, primando pela brevidade ou síntese. Na exposição oral empregou uma linguagem cativante; uma pureza e correcção de linguagem admirável.

Na expressão escrita usou uma clareza e síntese de verdadeiro mestre. Quando falo destas qualidades de escrita refiro-me ao uso da língua latina, pois foi nesta que ele nos deixou material de reflexão e de estudo. Neste campo, ele utilizou construções frásicas e vocabulário próprios à língua latina que era, então, utilizada pelos bons latinistas. Esta qualidade pôde ele adquiri-la através dos estudos humanísticos e da leitura e consulta de obras latinas que, nessa altura, constituíam o veículo natural da investigação científica da maior parte dos ramos das ciências quer divina quer humanas.

A propósito de todas estas qualidades, Cienfuegos (1757, Liv. 3, cap. 6, p. 150) tem este belo parágrafo:

(...) de rara viveza de ingenio, como reconhece oy el orbe literario, la abundancia fertil de doctrina, y de discurso, la concisión de voces en estilo elegante y claro, tan sucinto y tan puro como su Apellido; cada sentencia y a un cada palabra un diamante con muchos brillos y mucho fondo en poco cuerpo, merecieran que le comparase la elocuencia a la inmensidad profunda de el Rio Marañon en aquel sitio onde estrecha toda la presunción, y majestad de casi ochenta leguas de boca a tan breve arrebatado districto, que casi se puede abalizar de un salto hallandose en el la profundidad sin latitud.

Os seus dotes de metodólogo transparecem igualmente do contributo que ele deu à elaboração das *Constituições Inacianas* e da *Ratio Studiorum* que são fruto não só da sua própria natureza de génio precoce, no dizer de Klefeker (1717, p. 326), como também do ambiente humanístico que enchia o coração da Europa Renascentista, sobretudo da Itália, da França e da Espanha.

No que respeita às suas três obras, ele seguiu um método próprio e uma Antropagogia (andragogia) personalista, por meio da qual transmitia ao homem, enquanto tal, o fruto da sua própria investigação e reflexão.

O seu método assenta, em primeiro lugar, na transmissão de um saber que ele próprio adquiriu pela investigação. Esta transmissão, porém, é sempre precedida por

uma pequena oração e várias informações acerca do fim da obra (normalmente para o bem do próximo) e do mandato que recebera dos superiores, seguindo-se uma advertência aos leitores relativamente à brevidade que, parecendo ser um defeito, não passa de uma virtude conseguida pela paciência e motivada por ordem superior (...) *para que as obras se tornassem mais práticas e acessíveis a todos.*

A transmissão, portanto da sua investigação, não foi feita de ânimo leve, nem em tempo recorde, mas é o fruto de um trabalho minucioso e de longa duração como o diz claramente na *Auctor Lectori* dos seus Aforismos (Sá, 1600 e 1609), por meio destas palavras: ocupei-me desta obra diligentemente durante quase quarenta anos (... *in hoc opus per annos fere quadraginta diligentissime incubuerim*).

Quanto à ordem seguida, utiliza aquela que lhe parece mais lógica e prática. Nos Aforismos usa a ordem alfabética que vai de *Abbas* (Abade) a *Xenodochium* (hospital), enquanto nos *Scholia* e nas *Notationes* segue a ordem dos livros e capítulos do Texto Bíblico.

À falta duma divisão em versículos do texto sacro utilizado nos *Scholia*, Manuel de Sá adicionou números árabes, sobrepostos aos vocábulos, que seriam analisados e, mais tarde, adicionou ainda letras (*a, b, c/ aa, bb, cc*) ou sinais (*./., ././., .f.*). Esta segunda adição foi exigida pela necessidade de não mexer na numeração primitiva, assim como pela necessidade de esclarecer palavras que, entretanto, iam sendo encontradas dignas de uma explicação, antes omissa (cf. nº 12). Ainda nesta obra colocou, em duas colunas paralelas, o sentido literal e o místico proposto pelos santos Padres, distinguindo-os e acrescentou a sua própria exegese no fim, ao correr de toda a página.

No que se refere à outra obra: *Notationes in Totam Scripturam Sacram*, ele segue um texto já dividido em capítulos e versículos. Comenta todos os livros da Bíblia de uma maneira breve, com o fim de puderem ser editados a par da Bíblia, de modo a que os leitores desta pudessem servir-se daqueles como se fossem uma espécie de dicionário à mão. Essa obra era dirigida a todos os estudiosos, que não só aos membros da Companhia, vindo a lume depois de ter sido ansiada por muitos estudiosos.

O texto sacro é explicado no sentido literal, sendo para isso sujeito a uma análise crítico-literária, com recurso frequente às variantes dos textos hebreu, aramaico e grego e, bem assim, aos Santos Padres e à Poliglota Complutense. O autor dá igualmente uma série de explicações prévias aos leitores, sobre a finalidade e o modo como o trabalho foi realizado.

Essa exigência, no entanto, situa-se no ambiente tridentino, sobretudo aquele que dimanava da IV Sessão de 8 de Abril de 1546 do Concílio de Trento onde foram

dadas orientações relativamente à abordagem e publicação dos textos sacros ou das respectivas interpretações, como: o modo relativo ao uso e interpretação da Bíblia (*Enchiridion Biblicum*, 1965, nº 62); orientação e inspecção a propósito da publicação dos livros sacros e de todas as publicações de anotações e exposições sobre esses mesmos (Idem, nº 63b); proibição de serem publicadas, vendidas ou retidas complexiva ou singularmente outras edições da Bíblia após a edição emendada e impressa da Vetus Vulgata sem nome do autor e sem serem examinadas pelo Ordinário do Lugar e, no caso de Regulares, pelo Superior (Idem, nº 63b); proibição do mau uso de frases tiradas da Escritura, quer fossem utilizadas ironicamente, quer em forma de anedotas e, muito menos, na feitiçaria (Idem, nº 64).

Esta última obra ficou a fazer parte de duas colecções, sendo formada cada uma por 28 grossos volumes que recolheram e sintetizaram a exegese dos maiores biblistas do tempo: Colecção *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V Pontificis Maximi iussu recognita et Clementiss VIII auctoritate edita*, publicada em Veneza em 1757 e Colecção de Paul Migne *Scripturae Sacrae Cursus Completus, ex commentariis omnium perfectissimis ubique habitis, et magna parte episcoporum necnon Theologorum Europae Catholicae universim ad hoc interrogatorum, designatis, unice conflatus. Plurimis annotationibus praespyteris ad docendos levitas pascendosve populos alte positus*, editada em Paris 1837. Cada uma destas duas obras possui 28 volumes.

4. Antropagogia (Andragogia)

Mais do que um *pedagogo* (o que conduz crianças, de *pais*, *paidos* + *aghein*), ele foi um *Antropagogo* (condutor de homens, de *anthropos* + *ághein*), termo utilizado, pela primeira vez, em sentido moral, por S. Gregório de Nazianzo e anotada por Coménius na sua *Didactica Magna*. Este verbo, *ághein*, já tinha sido usado por Heródoto (historiador) e Píndaro (poeta lírico), mas apenas no sentido de conduzir o povo ou conduzir soldados. Conduzir homens de modo a alcançarem a *sua plena humanidade* deverá chamar-se *Antropagogo*, segundo Coménius⁶, termo que, modernamente, tende a ser substituído por *Andragogo*, enquanto provém do elemento formativo grego *ἀνδρός* *ἀνδρα* que é o genitivo do substantivo aune *ἀνήρ*.

O axioma consagrado por Coménius: *omnes, omnia, omnino, semper*, tornado exigência da verdadeira educação, já tinha sido aplicado, na prática, pelos Jesuítas, e portanto,

⁶ Ilustre pedagogo protestante, nascido, a 28 de Março de 1592 na Morávia e falecido a 15 de Novembro de 1670 em Amesterdão, na Holanda. Ele conhecia, de certo, os Jesuítas e a pedagogia e metodologia destes.

por Manuel de Sá, porquanto nos seus Colégios e Universidades a educação era dirigida nas praças, Igrejas, nos Colégios e Universidades a todas as pessoas, de todas as idades e de todas as classes. Não falo somente dos sermões de ocasião, nem das práticas dominicais, nem de conversas de rua. Falo, sim e particularmente, das célebres *Lições de Sagrada Escritura* ou de outras, nas Igrejas, fora dos Actos litúrgicos oficiais. Tratava-se da Exposição pública da Sagrada Escritura que consistia:

- na selecção e leitura de um Livro da Bíblia;
- na explicação desse livro, do princípio ao fim, de modo contínuo;
- onde os ouvintes podiam ter nas mãos o texto para seguirem melhor a sua explicação;
- cada lição era dividida em duas partes, consistindo a 1ª numa exposição exegética ou numa apologia e a segunda era dedicada a aplicações morais práticas.

Era a estas lições que se dedicavam Manuel de Sá e outros sacerdotes da Sociedade de Jesus na Igreja de S. André de Roma, de que tanto falam as cartas jesuítas desse tempo.

A completar este método inovador dos Jesuítas seguia-se, depois, a publicação dessas mesmas lições, ordenadas e adaptadas aos comentários bíblicos. Assim sucedeu, certamente, com Manuel de Sá (1528/30-1596) que publicou as Notas de Toda a Sagrada Escritura; com Juan Maldonado (1534-1583) que publicou o Comentário aos 4 Evangelhos; com Jerónimo Prado († em 1595) que escreveu o Comentário a Ezequiel, com Francisco de Toledo († em 1596) que escreveu os Comentários a São João, à carta de São Paulo aos Romanos e aos 12 primeiros capítulos do Evangelho de São Lucas.

Quer dizer, estes homens utilizavam todos os processos (*omnino*), em todas as circunstâncias oportunas (*semper*), para comunicarem tudo o que sabiam (*omnia*) a todos (*omnes*) os que quisessem ouvi-los. Este tipo de educação pode muito bem chamar-se Antropagogia/andragogia e parece possuir a perspectiva personalista, tanto do agrado de Mounier, segundo o qual a educação deve basear-se nos seguintes princípios:

- a educação deve começar com o nascimento e terminar apenas na morte;
- compete à educação induzir o automovimento de personalização em cada pessoa a quem o apelo e a interioridade são dirigidos;
- a pessoa é intrinsecamente livre (...) só a si pertence;
- a educação é inseparável da vida integral da pessoa, pois faz parte dela;
- a educação é intrinsecamente antitotalitária e liberta dos Estados ou Poderes Políticos;

- a educação – o ensino – deve ser livre para que a pessoa possa ser livre;
- a educação deve ser universal;
- nenhum privilégio económico, social, político ou cultural pode pôr em causa o sagrado direito que tem cada indivíduo de ser integralmente quem é, nas concretas condições da sua existência (Patrício, 1998-1999, p. 78s).

5. Filosofia da Educação

5.1. A força da praxis

Para além de falar com autoridade e de ter *mui buena manera para enseñar* a metodologia própria (*Epist. Mixtae*, Tom. I, pp. 348-349) e de ser admirado pelos seus alunos e superiores, Manuel de Sá seguia uma praxis quotidiana e um Programa de Estudos peculiar em germe (*Ratio Studiorum*) de uma Sociedade Religiosa que, desde os seus inícios, se dedicou às Ciências da Educação, conseguindo aplicar essas normas não apenas em todos os seus Colégios, Seminários e Universidades, mas também em todos os Seminários Católicos Diocesanos que lhes eram consignados.

Desta forma, o objectivo da Companhia tornava-se automaticamente o objectivo de todos aqueles que eram escolhidos e propostos para o ensino. Daqui se segue que o ideário do fundador deveria ser de tal forma assimilado pelos seus professores que todos teriam de se moldar à sua imagem e semelhança.

Ora, segundo o Ideário de Inácio de Loiola, *tudo é bom e pode sê-lo se ordenado para a realização e concretização da Aliança que Deus fez e faz com todo o ser humano. Daqui nasce um humanismo positivo, cristocêntrico, onde cada um é uma peça na construção deste grande corpo que é a humanidade* (Gomes, 1996, pp. 37-38).

Para Inácio, Cristo e a Humanidade formam um só corpo que nasce e se desenvolve em direcção à plenitude de Deus Criador. Desta forma, a educação, segundo ele e a sua Companhia, ocupa-se de um tríptico objectivo interdependente: o homem, Jesus Cristo e Deus Criador.

Não poderemos dizer que estas três figuras formem um triângulo equilátero porque este tem todos os três ângulos iguais. Poderíamos pensar que fosse um triângulo isóscele, supondo que Cristo e Deus Criador fossem iguais mas, na verdade e segundo a teologia Inaciana, não acontece isso. Antes, deverá chamar-se um triângulo escaleno, cujos ângulos e lados são desiguais, pois as três personagens são desiguais, tanto em relação à sua função, como à sua origem. De facto, para Inácio de Loiola, o fim

da educação jesuítica é o Homem que entronca em Cristo que, por sua vez, tende naturalmente para Deus Criador numa graduação ascendente.

5.2. Finalidade da *Ratio Studiorum*

Relativamente ao fim da *Ratio Studiorum*, a primeira Regra deste documento diz o seguinte: *Fim dos Estudos da Companhia. Sendo um dos primeiros ministérios da nossa Companhia – dar aos outros as disciplinas congruentes com o nosso Instituto – para serem levados ao conhecimento e amor do nosso Criador e Senhor (...)* (Gomes, 1996, p. 115). O Emblema dos Jesuítas tem como máxima, divisa ou mote, a frase *Ad maiorem Dei gloriam* ou *ad maiorem Dei gloriam* (Para a maior glória de Deus).

Quando se fala da expulsão de algum aluno isso é feito a pensar no seu próprio bem e para a glória de Deus. Por exemplo, na Regra 40 do Prefeito de estudos inferiores, recomenda-se o seguinte: *Quando nem a palavra nem o ofício do corrector forem suficientes e não se espere emenda de algo que pareça ser escândalo para os outros é melhor expulsá-lo da aula (...). Mas esta decisão deixar-se-á ao Reitor para que se processe para glória e serviço de Deus, como deve ser* (Idem, p. 145).

Ao propor as Regras comuns para os professores das classes inferiores, logo na primeira Regra se propõe o fim dessas mesmas, nestes termos: *O professor forme os adolescentes que forem confiados à sua educação da Companhia, de tal forma que, juntamente com as letras, vão aprendendo também os costumes dignos de um cristão. Ponha pois primordial atenção, quer nas aulas, quando se proporcionar ocasião, quer fora delas em preparar as tenras mentes dos adolescentes para o serviço e amor de Deus e das virtudes que são do seu agrado (...).*

Tudo isto mostra-nos que, embora o homem seja o referencial imediato da educação jesuítica, Deus é sempre o seu fim último.

5.3. Finalidade das Obras de Manuel de Sá

Para além do objectivo comunitário, Manuel de Sá teve um objectivo específico em cada uma das suas três obras que chegaram até nós. Assim:

Os Aforismos foram escritos para que, por meio deles, *muitos alcancem a vida eterna* (Cf. *Oratio ad Beatissimam Dei Matrem* – Edição de 1600 e 1609), advertindo ainda na

Auctor Lectori que o fim dessa obra é ser breve e, na brevidade, ser claro para a glória de Deus e salvação das almas.

Os *Scholia in Quatuor Evangelia*, segundo ele diz na *Nota Introdutória*, foram elaborados por causa de Deus e espera que sejam úteis aos membros da Sociedade de Jesus e a todos os outros que os consultarem.

As *Notationes in Totam Scripturam Sacram*, como ele frisa claramente na *Oratio Auctoris ad Christum*, foram elaboradas por causa da Sua Igreja e para serem úteis a muitos, esperando, ao mesmo tempo, que as suas deficiências fossem supridas por outros, dando, assim, ocasião propícia aos mais perspicazes de maneira a que estes pudessem adicionar-lhe coisas novas e velhas (*Auctor Lectori*).

Quer dizer: os seus trabalhos de investigação e de exposição tinham o HOMEM como centro. Foi por causa dele e para ele que recolhera o que tinha encontrado de melhor nos autores antigos; foi por causa dele e para ele que se disponibilizou a desempenhar a múltipla tarefa de *intérprete* e *comentador* da literatura cristã (Sagrada Escritura), de *divulgador* da doutrina católica (Teologia, Direito e Filosofia) e de *socializador*, tanto no sentido sociológico (enquanto procurou reunir todos os homens e grupos étnicos num só de modo a usufruírem do mesmo direito à educação fosse esta fruto do saber religioso ou profano), como no sentido psicológico (na medida em que no seu ensino e nos seus escritos ele teve por objectivo adaptar adolescentes e adultos à vida do respectivo grupo étnico).

Portanto, a filosofia da educação de Manuel de Sá era uma filosofia que se caracterizava pelos seguintes imperativos:

- O ensino por ele ministrado era predefinido pela Companhia de Jesus e a ser seguido em todas as suas Escolas, Colégios e Universidades;
- Esse ensino tinha o Homem/Aluno como objectivo imediato, tendendo mediatamente para Deus Criador através dos ensinamentos de Jesus Cristo, centrado, portanto, no homem, enquanto homem que tende para Deus;
- Partia-se do suposto alvitado por Santo Agostinho segundo o qual por termos sido criados por Deus, tendemos naturalmente para Ele: (...) *quia fecisti nos ad Te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te* – porque nos fizeste para Ti, o nosso coração está inquieto até descansar em Ti (Vega, 1963, *Confessiones de San Agustín*, Lib. I, Cap. 1, p. 69);
- O verdadeiro bem do Homem/Aluno só pode encontrar-se em Deus que é justo e deseja que a justiça, sob as suas quatro vertentes (legal, comutativa, distributiva e social) seja aplicada, sempre, em todos os lugares, a todos os membros da sociedade;

- É neste sentido que o BEM, procurado pela Companhia de Jesus e por Manuel de Sá, se estende a todos os alunos viessem eles de que quadrantes fossem;
- É neste sentido que, originariamente, o ensino nos Colégios dos Jesuítas era ministrado gratuitamente.

5.4. Uma filosofia da educação antropocêntrica

Estamos, pois, perante:

- Uma filosofia da educação que não tinha como fim último o enriquecimento material de uma determinada e minúscula parcela da sociedade humana, mas sim o enriquecimento intelectual, humano, moral e espiritual de todas as camadas sociais, de todos os Países e Continentes;
- Uma filosofia da educação transnacional, utilizando-se, já nesse tempo, a ideia maravilhosa da pequena aldeia, onde todos se conheciam e saúdavam como irmãos, onde todos comunicavam livremente e participavam dos bens intelectuais que eram postos à disposição de todos;
- Uma filosofia da educação que aplicava um tipo de globalização *sui generis*, porquanto englobava todos os que a quisessem procurar, não excluía, nem escravizava ninguém;
- Uma filosofia de educação um tanto diferente daquela que é movida por um espírito economicista e que favorece feroz, prioritária e quase exclusivamente um pequeno número de privilegiados, déspotas e prepotentes em detrimento da grande maioria cuja existência é sacrificada e reduzida a uma verdadeira escravidão.

Talvez tenha sido por esta razão que, logo nos seus inícios, os companheiros de Inácio de Loiola tenham começado a ser mal vistos, caluniados e rejeitados, especialmente por aqueles que defendiam políticas *regalistas* ou por aqueles que teimavam em impor doutrinas morais pouco ou nada libertadoras.

Independentemente de se acreditar ou não num Judeo-Cristianismo defensor de um Deus que criou os homens à sua imagem e semelhança, considerando-os irmãos e co-herdeiros das Suas riquezas, parece-me pertinente a seguinte questão: o que é mais consentâneo com a criação: procurar o bem de todos, ou apenas o bem de alguns? Lutar por um bem ou fim último que chamamos *Deus* no qual se inclui a justiça que engrandece o homem, quer sob o ponto de vista moral e espiritual, quer sob o ponto de vista económico e científico, ou lutar por uma filosofia meramente economicista que favorece um reduzido número de pessoas, desprezando a esmagadora maioria

como se esta fosse um amontoado de instrumentos mecânicos, alinhados e inseridos na engrenagem imparável da grande e pesada máquina da produtividade que não pára o enriquecimento atroz, injusto e desequilibrado da sociedade moderna?

6. Paradigma de Interculturalidade

Manuel de Sá foi, também, um migrante que se fixou, por longo tempo, em povos, regiões e cidades diferentes, possuindo cada uma dessas parcelas territoriais especificidades relativas à cultura. Ele é, portanto, um *Diáspora português* com todas as implicações que este termo supõe.

Ora, se por cultura não se pode entender algo de estático e imutável, mas sim um legado precioso que deve ser desenvolvido, isto é, que deve estar aberto a todas as riquezas que possam advir do contacto com outras culturas; se, por outro lado se aceitar, como incontestável, o facto de que todo o migrante se torna um elo de ligação entre culturas diferentes; se se considerar que nessa situação tanto se recebe algo de novo, como se oferece algo de alheio ao grupo étnico para onde se mudou, então Manuel de Sá também deve, e com maior razão, ser tido como um homem intercultural.

Esta atitude harmoniosa de *receber e dar* que supõe um *receptor e um dador*, não se coaduna com a perspectiva assimilacionista, enquanto esta implica normalmente uma inferioridade da cultura dos grupos minoritários, nem com a perspectiva multiculturalista, porquanto esta defende a convivência de todas as culturas, considerando-as fechadas umas às outras, negando, por isso, o diálogo e a interacção o que degenera na formação de guetos antagónicos e promove a inércia quer dos responsáveis políticos quer dos que deveriam estar sujeitos à educação.

Estas duas últimas posições, muito em voga nalguns países ditos de *imigração maciça*, não podem ser aceites sob pena de concorrermos para a supressão daquilo que é específico em cada grupo étnico, deslocados do seu meio ambiente próprio, ou para rivalidades que podem degenerar em conflitos, tensões e lutas interinas.

Mais realista será promover uma sociedade com a possibilidade de todos partilharem dos diversos aspectos culturais e institucionais dos grupos em contacto, preservando, ao mesmo tempo, a especificidade de cada um deles, de modo a que, como diz Ramos (2007, pp. 367-368); “tendo em conta que a maioria das nossas sociedades são e serão cada vez mais multiculturais (...) que a multi/interculturalidade é, potencial-

mente, uma riqueza para o conjunto da sociedade (...), torna-se necessário promover a relação entre as culturas, no entanto, sem anular a identidade de cada uma delas.”

Tal procedimento implica, por sua vez, a tríplice deslocação de que fala Clanet (1990, pp. 187-212): *a deslocação temporal, espacial e simbólica*, enquanto pela primeira os diversos intervenientes são levados a conhecer a história dos seus semelhantes para melhor poderem compreender o que lhes parece de mais estranho na sua cultura; pela segunda cada um se situa no campo da etnologia, estudando os comportamentos socioculturais de cada grupo, comparando-os aos seus próprios e, pela terceira, que tem a ver com as representações, cada interveniente se coloca no lugar do outro, procurando compreender o seu ponto de vista, para melhor os aceitar e admirar. Desta forma institui-se e promove-se o relacionamento intercultural.

Manuel de Sá fez esta tríplice deslocação de maneira exemplar, embora nesse tempo não se falasse deste problema da forma como, hoje, o tratamos. Para onde quer que ele se deslocava, aprendia a história e a língua; recebia e dava tudo o que podia; tinha oportunidade de comparar comportamentos de grupos diferentes e de agir em conformidade; mostrou, na teoria e na prática, estar colocado ao lado do Outro, sempre que as necessidades urgiam, para o compreender e defender. Basta recordar a sua luta pela tolerância, justiça e transparência nos seguintes casos:

6.1. No caso da defesa dos Judeus

Defendeu os Judeus contra a prepotência dos príncipes (reis, imperadores, papas, alto e baixo clero), chegando até nós a súmula da sua doutrina no célebre aforismo que, aqui, deixamos expresso: *Judaei non sunt prohibendi celebrare sus ritus, aut reficere suas synagogas* – “Aos Judeus não se deve proibir de celebrar os seus ritos, nem de reconstruir as suas Sinagogas” (Sá, 1600, p. 344; 1609, p. 214, nº 4).

6.2. No caso da permissão do mal menor como a prostituição

Relativamente ao procedimento no campo moral de permitir um determinado acto que se nos apresenta como mau e, portanto, não praticável, Manuel de Sá diz que, por vezes, é permitido, em Teologia Moral, um mal menor em vista a evitar um mal maior. Dá como exemplo deste procedimento o caso da usura e da prostituição: *Licet, enim, permittere mala minora ad vitanda maiora, ut apparet in meretricio* – “É permitido males menores para evitar males maiores como acontece no meretrício” (Sá, 1600, p. 344; 1609, p. 215, nº 5).

6.3. No caso da má governação dos Príncipes

No campo da governação e dos Chefes de Estado, Manuel de Sá tinha também uma doutrina clara, embora para muitos políticos actuais pareça demasiado arrojada e, mesmo, indefensável. Quanto aos chefes supremos de uma Nação ensina e escreve: (*Rex*) *Potest per rempublicam privari ob tyranidem et si non faciat officium suum, et cum est causa aliqua iusta et eligi alius a maiore parte populi* – “O Rei pode ser privado (da sua dignidade e do seu poder) pela Nação devido ao modo tirano de agir, se não cumprir o seu ofício e se houver uma causa justa e, em seu lugar, eleger outro pela maior parte do povo” (Sá, 1609, p. 313, nº 2ª)⁷.

É certo que já nessa altura parecia demasiado dura a sua posição, mas ele não abdicou dela e explicitou que, para alguns autores do seu tempo essa doutrina só era admissível, no caso que um chefe de Estado estivesse a agir tiranicamente, como bem o explicitou na segunda parte do mesmo aforismo: *Quidam tamen solam tyranidem causam putant* – “Alguns, porém, julgam poder dar-se tal somente por causa do modo tirânico” (Ibidem, sob o título *Príncipes*, p. 313, nº 2b).

6.4. No caso de governantes tiranos

No caso de governantes tiranos a sua doutrina é muito firme, embora pareça dura a quem está impedernido e se agarra ao poder por meio da força e o exerce sob meios injustos e lesivos da dignidade dos cidadãos.

Neste campo, Manuel de Sá distingue muito bem entre quem adquiriu o governo justamente e quem o adquiriu injustamente. No primeiro caso ensina: *Tyranice gubernans iuste acquisitum dominium, non potest spoliari sine publico indicio; lata vel sententia, potest quisque fieri executor; potest autem deponi a populo, etiam qui iuravit ei obedientiam perpetuam, si monitus non vult corrigi* – “Quem governe tiranicamente, mas tenha alcançado o poder justamente, não pode ser espoliado sem julgamento público; segundo sentença larga, porém, qualquer um pode ser seu executor; pode, no entanto ser deposto pelo Povo, mesmo por quem tenha jurado dever-lhe obediência perpétua, se depois de advertido, não quer corrigir-se” (Sá, 1609, p. 371, nº 2a)⁸.

⁷ Esta primeira parte deste aforismo sobre o governo tirano que tem a sua segunda parte no parágrafo seguinte não consta da Edição de Lyon de 1600.

⁸ Também este e a sua conclusão que se encontra no parágrafo seguinte não constam da edição de Lyon de 1600. A razão deverá encontrar-se no facto de, em França, ter reinado Henrique IV, entre 1533-1610 e por este ter sido considerado tirano.

No segundo caso, isto é, no caso em que o poder foi alcançado por meio da força, Manuel de Sá ensina o seguinte: *At occupantem tyranice potestatem, quisque de populo potest occidere, si aliud non sit remedium* – “E quem tenha ocupado tiranicamente o poder qualquer um do povo pode eliminá-lo, se não houver outro remédio” (Idem, p. 371, nº 2b).

A razão deste procedimento baseia-se no facto de que, neste caso, o príncipe ou chefe é um inimigo público: *est enim publicus hostis* (Ibidem, nº 2c). Ora, assim como todo o Povo tem o direito e o dever de se defender contra um inimigo que o ataque, vindo de fora ou surgindo no seu interior, assim também o Povo que se encontra dominado por um governante tirano não só pode, mas deve eliminá-lo por meio da força, se não houver outro processo de livrar-se dele.

A atitude intercultural, de compreensão e justiça, de deslocação no tempo, no espaço e nas representações simbólicas foi manifestada igualmente pela Companhia de Jesus, à qual pertencia Manuel de Sá, na célebre “*Questão dos Ritos Chineses*” (1583-1677) que surgiu nas Missões da China, devido ao desconhecimento de certas particularidades próprias à mentalidade e cultura do Celeste Império.

7. Paradigma de Interdisciplinaridade

Manuel de Sá teve ainda a vantagem de praticar a interdisciplinaridade, devido ao facto, não só de dominar várias áreas do saber, como também de ter sido transmissor de conteúdos que eram próprios de disciplinas diferentes. Lembro, por exemplo, o facto de ele ter ensinado tanto as Artes (Filosofia e Línguas), como a Teologia, nas suas diversas vertentes: Moral, Escolástica e Escritura.

Além disso, ele foi um exemplo vivo de um tríptico sincretismo cultural: sincretismo greco-romano, sincretismo judeo-cristão e sincretismo judeo-cristão-muçulmano. Efectivamente, ele foi um exímio professor de filosofia onde, ao génio criativo grego se juntou o sentido prático romano; foi um moralista e exegeta onde a novidade bíblica cristã se consorciou com a antiga teologia hebraica; foi um atento defensor das minorias étnicas, procurando que nos Reinos Cristãos pudessem também conviver na paz e justiça sociais muçulmanos e judeus.

Portanto, Manuel de Sá, para além de um metodólogo e antropólogo/andragogo, pode ser considerado, não apenas um pioneiro dos métodos histórico críticos, mas também um paradigma de interculturalidade e de interdisciplinaridade.

Conclusão

Para terminar referirei três pontos que me parecem fundamentais na doutrina de Manuel de Sá: o seu modo de ensinar; a extensão da sua influência; a sua repercussão na educação actual.

Os seus ensinamentos foram transmitidos, tanto com a palavra (oral e escrita), como com o exemplo da sua vida concreta do dia-a-dia, podendo aplicar-se-lhe o provérbio semita do Livro da Sabedoria (cap. 4, 13) que diz: *Consumatus in brevi, explevit tempora multa* (tendo vivido pouco, encheu a carreira duma larga vida), ou, por outras palavras, o axioma comeniano *omnia, omnes, omnino, semper*.

Aplicou à interpretação da Bíblia o uso da filologia, da história e da geografia e recorreu aos textos originais e lugares paralelos da Bíblia, servindo-se de todos os processos que se lhe afiguraram mais apropriados para a transmissão da sua doutrina, tendo sempre como seu suporte guia os programas orientadores da Sociedade de Jesus que, foram reunidos, aperfeiçoados e, finalmente, editados em 1599, com o nome de *Ratio Studiorum*, em cuja elaboração ele próprio participou.

Soube utilizar, também, o princípio da interculturalidade e cidadania que manda olhar para o estrangeiro numericamente minoritário como para um outro *Eu*, digno de respeito tanto no que à cultura e religião concerne, quanto no que pertence à dignidade e liberdade pessoais.

A sua *antropagogia* não conheceu fronteiras, pois, sendo ele dotado de um universalismo no campo das ciências, não só estritamente religiosas, mas também profanas, tornou-se um cultor e um profissional multi/intercultural e interdisciplinar. Ele dominou, efectivamente, as áreas quer das Artes, composta pelo *trivium* (Gramática Lógica e Dialéctica) e pelo *quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música), quer da Teologia, diversificada na Moral, nos Cânones, na Suma Teológica de S. Tomás de Aquino e, sobretudo, na Sagrada Escritura, sendo todas essas disciplinas sustentadas pelo conhecimento profundo das línguas bíblicas e vernáculas. Por outro lado, a sua doutrina, através das suas obras escritas, não conheceu fronteiras territoriais e resistiu, pelo menos, até fins do século XIX, uma vez que, parte do seu livro de exegese a toda a Sagrada Escritura foi incluída em duas publicações de carácter universal, pertencendo uma a Veneza, em 1757, e a outra a Paris, em 1837-1845.

No que concerne aos sistemas educativos, a doutrina de Manuel de Sá pode situar-se em três grandes áreas que julgo constituírem o alvo do sistema educativo moderno: a competência dos professores, a disciplina escolar e a funcionalidade dos estabelecimentos escolares.

Relativamente ao desempenho dos *professores*, encontra-se o sentido da obrigação relativamente à preparação, à actualização, à responsabilidade, ao respeito e interesse pelos alunos, à promoção dos bons costumes, ao cuidado com a disciplina, à uniformidade e à vigilância constante.

No que se refere aos alunos, frisa-se a necessidade em acatar as regras pré-estabelecidas, a assiduidade, a diligência, o silêncio, a auto-estima, a fuga às más companhias, o estudo, privado e em grupos ou em academias, a definição clara dos objectivos do estudo, a entejada, o direito a uma avaliação consoante as capacidades individuais, a atribuição de prémios pelo bom sucesso e bom comportamento.

Nesta ordem de ideias, compete às escolas o dever de: promoverem um ambiente propício ao estudo; elaborarem e proporem um programa de estudos realista e enriquecido com diversas actividades que transformem a aprendizagem acessível e globalizante; reconhecerem publicamente, não só os méritos de professores, alunos e auxiliares de educação, como também o bom desempenho das tarefas que lhes são distribuídas (o que tem igualmente o seu contraponto relativamente aos infractores e negligentes); respeitarem e promoverem a educação intercultural e, finalmente, salvaguardarem e valorizarem os valores humanos, nomeadamente a solicitude, a frontalidade, a firmeza, a flexibilidade e a responsabilidade de cada agente educativo.

Por fim, e a coroar a contribuição que Manuel de Sá nos deixou, refiro três princípios por si seguidos no século XVI e que, por coincidência, foram propostos por Jacques Delors, em 2003 (pp. 47-49, 100, 139), como sendo fundamentais na educação do século XXI: uma educação ao longo da vida; um trabalho em espírito de interdisciplinaridade e uma educação que não esqueça a luta contra a exclusão.

Bibliografia

- Analecta Gregoriana Cura Pontificiae Universitatis Gregoriana Edita* (1954). Vol. 66, Series Facultatis Historiae Ecclesiasticae, Sectio A (Nº2): *Storia del Collegio Romano; del sua inizio 1551 alla Soppressione della Compagnia di Gesù* (1773).
- Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V Pontificis Maximi iussu recognita et Clementiss VIII auctoritate edita*, Veneza, 1757 .
- Biblia Sacra Vulgatae Editionis Sixti V Pont. Max. iussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita. Editio emendatissima appartu critico instructa cura et studio Monachorum Abbatiae Pontificiae Sancti Hieronymi in Urbe Ordinis Sancti Benedicti.* (pp. 703; 1041). Roma: Marietti, 1965.
- Cienfuegos, A. (1757). *Vida del Santo Borgia*. Coimbra: CLEUP Editrice.

- Clanet, C. (1990). *L'Interculturel. Introduction aux Approches interculturelles en Éducation et en Sciences Humaines*. Toulouse: Presses Universitaires Du Micail.
- Delors, J. (2003). Educação. Um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez: Brasília: MEC: UNESCO.
- Enchiridion Biblicum – Documenta Ecclesiastica Sacram Scripturam Spectantia* (1965). Ed. quarta aucta et recognita. (nº 57). Napoli: M D'Auria Pontificius Editor – Romae-Madrid: Editiones Comm. A. Arnodo.
- Epistolae Mixtae ex variis Europae locis ab anno 1573 ad annum 1556 scriptae*. (1898-1901). Matriti (MHS).
- Franco, A. (1719). *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra* (Tom. II, Cap. XXIV, p. 388, nº 1). Évora: na Officina da Universidade. Coimbra: Real Collegio das Artes.
- Gomes, M. P. (1996). *Stº Inácio e a Fundação de Colégios*. Edição GRACOS (Grupo de Reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus). Composição: Helena Peixoto e António Amaral: MB Publicações/Tipografia Nunes.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935-1960). Lisboa: Editorial Enciclopédia (Vol. 35, p. 461).
- Höfer, J. & Chrétien F. (Dir.). (1861). *Nouvelle biographie générale* (Tom. 42, Ano 1863, Cols. 950-951). Paris.
- Klefer, J. (1717). *Bibliotheca eruditorum praecotium sive ad scripta huius argumenti specilegium et occasiones*. Hamburg: Apud Christianum Liebesit.
- Epistolae P. Hieronymi Nadal (Natalis) Societatis Iesu, ab anno 1546 ad 1577*. (II, p. 244). (1898-1905). Matriti (MHSI).
- Lainii, M. (1912-1917). *Lainii Monumenta. Epistolae et Acta Patris Iacobi ob Lainii secundi Praepositi Generalis Societatis Iesu* (8 vols). Matriti. (ou Laynez, Diego).
- Machado, D. B. (1752). *Bibliotheca Lusitana – Historia, Critica, e Cronológica na qual se compreende a noticia dos authores Portugueses, e das Obras, que compuzeram desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues.
- Migne, P. (1837). *Scripturae Sacrae Cursus Completus, ex commentariis omnium perfectissimis ubique habitis, et magna parte episcoporum necnon Theologorum Europae Catholicae universim ad hoc interrogatorium, designatis, unice conflatus. Plurimis annotationibus praespyteris ad docendos levitas pascendosve populos alte positus*. Paris, apud Editorem in Via Gallice dicta.
- Natalis (Nadal) Pater Hieronymus* (1898-1905). *Epistolae Hieronymi Natalis*. (4 volumes). Madrid (MHSI).
- Nober, P. (1953). *Enciclopédia Cattolica*. Città del Vaticano. Vol. X. col. 1503. Roma.
- Pastor, J. (1977). *Borja Espíritu Universal* (2ª Ed.). Bilbao: Ed. Mensajero.
- Patrício, M. (1998-1999). *Lições de Filosofia de Educação. Mestrado em Relações Interculturais (Policopiado)*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ramos, N. (2007). Interculturalidade, educação e desenvolvimento – o caso das crianças migrantes. In Rosa Bizarro (Org.), *Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais* (pp. 367-375). Lisboa: Areal Editores.

- Rodrigues, F. (1917). *A Formação Intelectual do Jesuíta: Leis e Factos*. Porto: Livraria Magalhães e Moniz.
- Sá, E. (1600). *Aphorismi Confessariorum ex Doctorum Sententiis Collecti*. Lugduni, apud Ioannem Pillehotte, sub signo nominis Iesu. (M. DC.).
- Sá, E. (1609). *Aphorismi Confessariorum ex Doctorum Sententiis Collecti*. Coloniae: apud Ionnem Crithium.
- Serrão, J. (1986). *Cronologia Geral da História de Portugal* (5ª Ed.). Lisboa: Colecção Livros Horizonte.
- Telles (ou Tellez), B. (1645-1647). *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*. Lisboa: Paulo Craesbeeck.
- Vega, Á. C. (1963). *San Agustín: Obras de San Agustín. Las Confesiones. Texto bilingüe, Tomo II*. Edición crítica y anotada pelo padre Angel Custodio Vega, O.S.A. Cuarta edición (5ª del autor). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Villoslada, R. G. (1954). *Storia del Colégio Romano dal suo inizio (1551) alla soppressione della Compangia di Gesù (1773)*. Vol. LXVI. Roma: Analecta Gregoriana Cura Pontificiae Universitatis Gregorianae edita.

Abstract

The present article underlines the life and labour of Manuel de Sá, a Portuguese Jesuit born in Vila do Conde, Portugal at the XVI century (1528/1530 to 1596). Either as a student or a teacher in anthropology he was a migrant; he was a migrant all the same when he proceeded as researcher, author and methodologist. He extended his action to Portugal, Spain and Italy but his influence went beyond and scattered in other countries through his written work and through his students who became teachers and missionaries in Europe, in Africa, in America and in Asia.

He mastered various scientific subjects and he taught all them; he acknowledged various methodologies, evaluated them and modified them accordingly with his own time and audiences. Beyond the teacher, the pedagogue, the methodologist and the author, Manuel de Sá, too, was a fighter struggling for social equity and minorities' integration. But, on top of all, Manuel de Sá was a pioneer not only in interdisciplinarity as in interculturality.

Résumé

Dans cet article on veut mettre en relief l'œuvre d'Emmanuel SA, un Jésuite portugais de Ville de Conte, né entre 1528/30 et 1596. Il a été un migrant, soit comme un étudiant, soit comme un enseignant et comme un anthropologue (andragogue) soit comme un chercheur, un écrivain et un méthodologue. Si son action directe s'est développée au Portugal, en Espagne et en Italie, son influence a transposé les frontières de ces trois pays par l'intermédiaire de ses œuvres écrites et par ses élèves qui l'ont eu pour maître et qui sont

devenus enseignants et missionnaires, soit en Europe, soit en Afrique, soit en Amérique et en Asie.

Différentes ont été les sciences qu'il a callées et enseignées et multiples ont été les méthodes qu'il a connues, exercées et transmises, les substituant par d'autres plus adaptées à son époque et à ses auditeurs. Au-delà d'enseignant, pédagogue, anthropologue et écrivain, Emmanuel SA n'était pas seulement un batailleur au service de la justice sociale et de la citoyenneté des groupes minoritaires, mais il a été aussi un paradigme d'interdisciplinarité et un pionnier de l'inter culturalité.